



LARISSA GOMES OLIVEIRA

**A ESTRUTURA-CIDADE:
O ESPAÇO URBANO NA CONSTRUÇÃO POÉTICA**

Trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais na habilitação de Bacharelado em Artes Plásticas, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientação: Prof^ª Dr^ª. Andrea Campos de Sá

**Brasília
2023**

LARISSA GOMES OLIVEIRA

Leriss

**A ESTRUTURA-CIDADE:
O ESPAÇO URBANO NA CONSTRUÇÃO POÉTICA**

**Brasília
2023**

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Andrea Campos de Sá, pela paciência, direcionamento e incentivo durante meu processo.

À banca examinadora Marta Mencarini e Rodrigo Cruz pelas trocas de conhecimentos e conversas no ateliê de pintura que me ajudaram a entender o caminho da minha produção.

Aos meus amigos companheiros de curso que fizeram dessa vivência um ponto de respiro.

RESUMO

Este trabalho propõe abordar a pesquisa sobre a minha produção artística a partir da vivência na cidade e do diálogo com elementos e materiais presentes no cenário urbano pelo olhar de um membro atuante desse espaço. São apresentados trabalhos que envolvem o campo sensório-perceptivo e a semiótica da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: cidade, cotidiano; arte contemporânea, fotografia, ocupação urbana, concreto, campo sensorial.

SUMÁRIO

Introdução.....	08
1. Observação de rua.....	10
2. Suporte e estudo da matéria.....	26
3. Vivência sensorial.....	35
4. Considerações finais.....	41
5. Bibliografia de referência.....	42

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Baronesa Elsa, Leriss, 2017.....	12
Figura 2- GOD, Baronesa Elsa von Freytag-Loringhoven, 1917.....	13
Figura 3- Série sem título, Leriss, 2017.....	14
Figura 4- Série sem título, Leriss, 2017.....	15
Figura 5- Série sem título, Leriss, 2017.....	16
Figura 6- Série observações de rua: narrativas no flandar, Leriss, 2018.....	17
Figura 7- Série observações de rua: narrativas no flandar, Leriss, 2018.....	18
Figura 8- Série observações de rua: narrativas no flandar, Leriss, 2018.....	19
Figura 9- Série observações de rua: narrativas no flandar, Leriss, 2018.....	20
Figura 10- Série observações de rua: narrativas no flandar, Leriss, 2018.....	21
Figura 11- Suchov-Sendeturm, Alexander Rodchenko, 1929.....	22
Figura 12- Andaime, German Lorca, 1970.....	23
Figura 13- Aeroporto de São Paulo, German Lorca, 1965.....	24
Figura 14- Hyères, Henri Cartier-Bresson, 1932.....	25
Figura 15- Pedestre, Leriss, 2021.....	26
Figura 16- Módulo 1, Leriss 2021.....	27
Figura 17- Módulo 2, Leriss, 2021.....	28
Figura 18- As três graças, Iole de Freitas, 2021.....	29
Figura 19- Sem título, Leriss, 2023.....	31
Figura 20- Sem título, Leriss, 2023.....	32
Figura 21- Contenção em blocos (segunda peça), Matias Mesquita, 2020.....	33
Figura 22- Corpo de prova nº 35, Lucas Simões, 2019.....	34
Figura 23- Sem título, Leriss, 2023.....	35
Figura 24- Sem título, Leriss, 2023.....	36
Figura 25- Sem Título, Leriss, 2023.....	37
Figura 26- Vapor, Leriss, 2022.....	39
Figura 27- Vapor, Leriss, 2022.....	40

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta a influência do espaço urbano na composição poética durante minha trajetória artística até a atualidade.

No item 1. Observações de rua, abordo a ideia do *flâneur* segundo Walter Benjamin, o ato de caminhar como uma forma de compreender a cidade e sua cultura com um potencial de estruturação do pensamento. Apresento como iniciei meus trabalhos no cenário urbano a partir de aplicações de stêncil em passagens subterrâneas pela cidade, e duas séries fotográficas onde exploro a estrutura da cidade e cenas do cotidiano.

No item 2. Suportes e estudos da matéria introduzo meu primeiro trabalho pensando o suporte como parte significativa da obra e como surgiu o interesse em usar os materiais presentes nas produções artísticas atuais.

Por fim, no item 3. vivência sensorial abordo os trabalhos presentes na exposição “Sonhos e Ruínas” na galeria Espaço Piloto e a origem da utilização do duto de ar como suporte artístico.

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro. Essa arte aprendi tardiamente; ela tornou real o sonho cujos labirintos nos mata-borrões de meus cadernos foram os primeiros vestígios.

Walter Benjamin

1. Observações de rua

A ideia do *flâneur*, segundo Walter Benjamin, se baseia no movimento de não-pertencimento do indivíduo, da relação direta e interrupção do movimento da cidade. O *flâneur* está no contrafluxo, não se move na mesma direção nem na mesma velocidade da multidão. Em tempos onde a vida é muito urgente, caminhar torna-se um potencial de estruturação do pensamento e da experiência sensorial; uma ação que freia a pressa do cotidiano para apreciar a paisagem urbana sem compromisso e observar as inter-relações dos habitantes com o lugar.

Walter Benjamin explorou esse conceito em seu livro "Passagens", um extenso projeto de pesquisa incompleto sobre a vida e a cultura da Paris do século XIX. Para ele, o ato de caminhar é mais do que uma mera atividade física; é uma forma de compreender a cidade e sua cultura. Ao perambular sem um destino específico, o *flâneur* permite que as impressões da cidade se desdobrem diante de seus olhos. Essa experiência deambulatória é também uma forma de resistência à pressa e à efemeridade da vida moderna, uma maneira de escapar da lógica utilitarista e mecânica da sociedade industrial.

O *flâneur* é frequentemente associado à modernidade, pois sua figura surge em meio ao crescimento das grandes cidades e do desenvolvimento do capitalismo. Com o surgimento das metrópoles, as ruas se tornaram locais repletos de estímulos visuais, sonoros e sensoriais. Nesse cenário, o *flâneur* é alguém que busca absorver e refletir sobre esse fluxo constante de informações e impressões.

O conceito também está conectado à ideia de multidão, explorada por Charles Baudelaire, poeta francês. A multidão urbana é vista como um cenário caótico e, ao mesmo tempo, repleto de significados, onde o *flâneur* encontra inspiração para suas reflexões e pensamentos.

A rua se torna moradia para o flâneur, que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente. Que a vida, em toda a sua diversidade, em toda a sua inesgotável riqueza de variações, só se desenvolva entre os paralelepípedos cinzentos e ante o cinzento pano de fundo do despotismo: eis o pensamento político secreto da escritura de que faziam parte as fisiologias. (Benjamin, 2000, p. 35).

Meu interesse pelo termo “estrutura-cidade” teve início em 2017, a partir dos experimentos realizados com a técnica do stêncil nas passagens subterrâneas da asa norte, lugar por onde pedestres e ciclistas atravessam diariamente. Utilizando uma folha de acetato tamanho A4 como matriz da imagem (fig. 1), apliquei o desenho em quatro passagens subterrâneas. A proposta foi inserir um elemento novo ao percurso e provocar certo estranhamento ao caminhante. A imagem do stêncil – o escrito “Baronesa Elsa” em vermelho sobre o desenho da Fonte de Duchamp – foi pensada para evidenciar a presença da mulher nas vanguardas artísticas. Baronesa Elsa foi um dos nomes de Elsa von Freytag-Loringhoven, artista dadaísta, amiga de Duchamp, que coletava objetos e dava nomes alternativos (fig. 2) alterando, assim, seu sentido.



Figura 1- Baronesa Elsa, Leriss, 2017



Figura 2- GOD, Baronesa Elsa von Freytag-Loringhoven, 1917

Meu interesse pela arquitetura e os diversos materiais presentes no cotidiano surge do meu caminhar pela cidade. Desde a observação do espaço por meio da fotografia ao garimpo de suportes para realização de trabalhos em diversas linguagens artísticas – fotografia, instalações, esculturas e pinturas - partiram da minha vivência no cenário urbano.

Na fotografia, início em 2017 com a série de imagens onde registro a arquitetura da cidade por ângulos pouco explorados, buscando ressaltar o peso da estrutura de concreto e o metal presente nas construções (fig. 3, 4, 5).



Figura 3- Série sem título, Leriss, 2017



Figura 4- Série sem título, Leriss, 2017



Figura 5- Série sem título, Leriss, 2017

. As fotografias foram feitas durante o percurso que fazia, diariamente, a caminho da universidade pelo eixo monumental. Foi o deslocamento, o caminhar pela via que inspirou a construção das fotografias que compõem a série "Observações de rua: narrativas do flandar" (fig. 6, 7, 8, 9, 10).

Nessa série, capto a impressão afetiva sobre a cidade e cenas do cotidiano de seus transeuntes. Utilizei uma câmera fotográfica analógica, cuja quantidade de cliques limita-se ao tamanho do filme, o que torna o ato de fotografar mais cauteloso e seletivo; mais reflexivo na escolha das cenas.



Figura 6- Série observações de rua: narrativas no flandar, Leriss, 2018



Figura 7- Série observações de rua: narrativas no flandar, Leriss, 2018



Figura 8- Série observações de rua: narrativas no flunar, Leriss, 2018



Figura 9- Série observações de rua: narrativas no flunar, Leriss, 2018



Figura 10- Série observações de rua: narrativas no flandar, Leriss, 2018

As fotografias flertam com o fotojornalismo, mas esteticamente, com elas, busco o dinamismo mediante a exploração da diagonal, como na fotografia construtivista de Alexander Rodchenko (fig. 11). Nas cenas, apresento objetos ordinários presentes no cotidiano, geralmente despercebidos pelas pessoas, devido à urgência e ritmo acelerado próprio do espaço urbano (fig. 6, 7, 8, 9, 10). As fotografias de German Lorca (fig. 12, 13) e Cartier Bresson (fig. 14), foram referências importantes dessa série fotográfica.

Ao utilizar o termo “estrutura-cidade” refiro-se aos aspectos formais e físicos da cidade – a arquitetura e os materiais das edificações – presentes nos últimos trabalhos da graduação como estratégia para aproximar o trabalho artístico dos objetos do cotidiano do fruidor da arte.

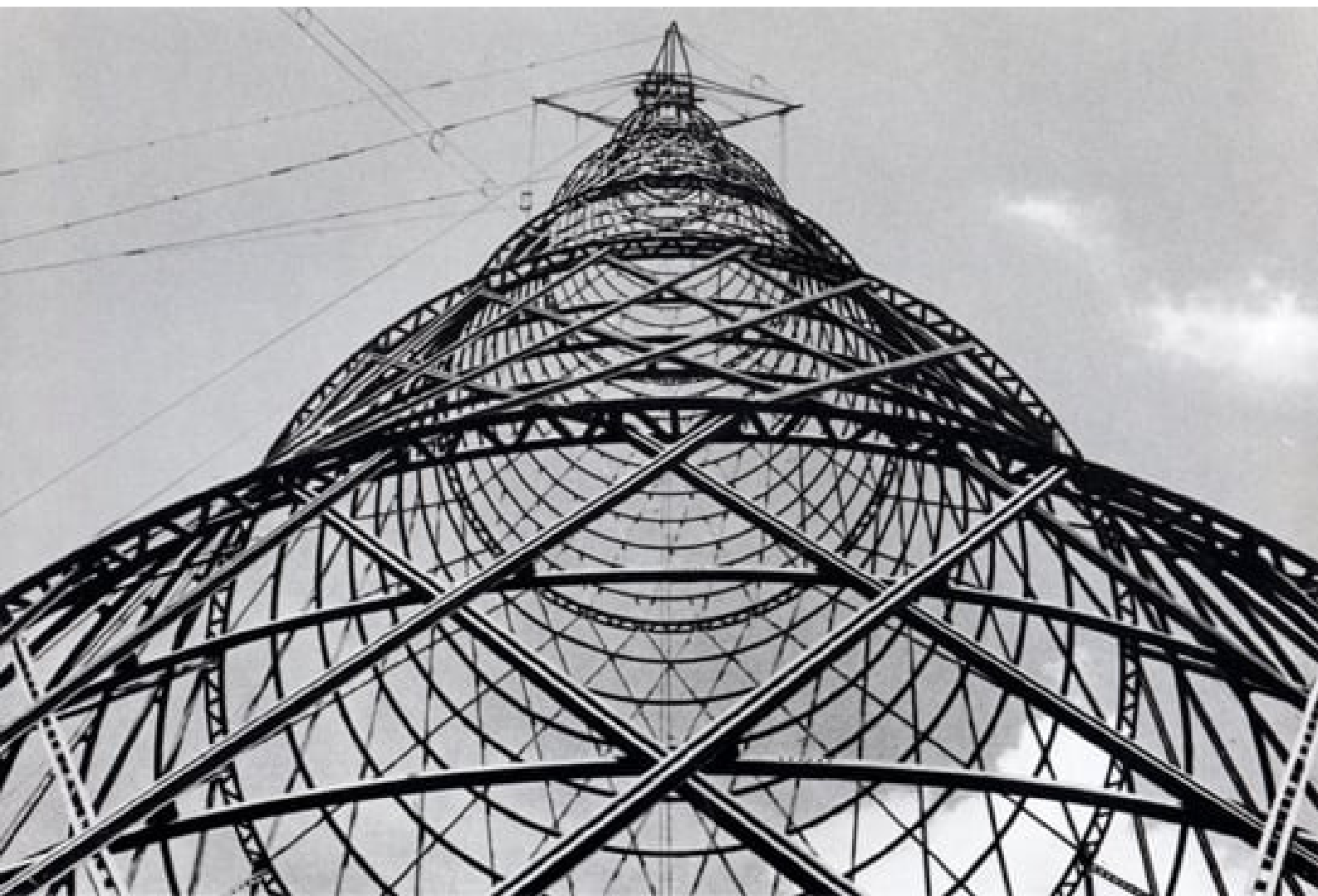


Figura 11- Suchov-Sendeturm, Alexander Rodchenko, 1929



Figura 12- Andaime, German Lorca, 1970



Figura 13- Aeroporto de São Paulo, German Lorca, 1965



Figura 14- Hyères, Henri Cartier-Bresson, 1932

2. Suportes e estudos da matéria

Ao caminhar pelas ruas, percebi a presença de pingadeiras de concreto nos muros e o potencial do uso dessa peça como suporte da fotografia. Recolhi esse material visando essa finalidade. Realizei alguns testes de transferência de imagem para o concreto e obtive um resultado satisfatório utilizando o produto Transfer Print. A fotografia transferida foi da série “Observações de rua: narrativas do flunar”. (fig. 15).



Figura 15- Pedestre, Leriss, 2021

A partir dessa experiência, surgiu o interesse em utilizar outros materiais do cenário urbano nos trabalhos e início os experimentos com chapas de metal, como as utilizadas nas placas de trânsito. O interesse pelo metal surgiu depois que me deparei com uma dessas placas caídas no asfalto que refletia a luz do sol. O brilho da luz sobre o metal e a maleabilidade do material me instigaram a produzir objetos tridimensionais.

Construí 2 esculturas utilizando o metal recortado em tiras de 15cm que dobro em diferentes sentidos. A forma da escultura surge do conjunto da sobreposição das dobras. São esculturas sem base, dispostas direto sobre o chão. (fig. 16, 17). As referências artísticas deste trabalho foram as obras da artista Iole de Freitas (fig. 18).



Figura 16- Módulo 1, Leriss 2021



Figura 17- Módulo 2, Leriss 2021



Figura 18- As três graças, Iole de Freitas, 2021

O uso do concreto como suporte da pintura ocorreu após a utilização da pingadeira como suporte da fotografia. A pesquisa me levou a construir um molde de madeira para fazer as chapas de concreto. Fiz testes com cimentos diversos, como o cimento graute e a argamassa, variando a densidade e analisando os resultados: a porosa, a lisura, a textura da superfície. Com os testes, obtive as dimensões, o peso e a consistência ideal do cimento para receber a pintura. Entender o comportamento do material antes de utilizá-lo foi fundamental para garantir o resultado alcançado.

Na série de pinturas sobre concreto, a pintura foi feita direto no concreto bruto, tal como ele se apresenta no cenário urbano. Procurei ressaltar o contraste dos materiais: a fluidez da pintura e a rigidez do concreto maciço (fig. 19, 20). A intenção foi oferecer ao observador uma experiência tátil, para além da experiência visual do objeto na parede. Dessas pinturas, trago como referência os trabalhos do artista carioca Matias Mesquita (fig. 21) e o paulista Lucas Simões (fig. 22), pois ambos exploram a matéria do suporte como elemento constitutivo da obra.



Figura 19- Sem título, Leriss, 2023



Figura 20- Sem título, Leriss, 2023



Figura 21- Contenção em blocos (segunda peça), Matias Mesquita, 2020



Figura 22- Corpo de prova nº 35, Lucas Simões, 2019

3. Vivência sensorial

Pensando sobre a interação do sujeito com o espaço urbano (caótico) e seus objetos e tendo como referência a minha experiência sensorial das caminhadas que idealizei a instalação “sem título” para a Galeria Espaço Piloto, na qual utilizo um duto flexível de alumínio, uma chapa de metal com camadas de tinta a óleo e uma pintura sobre concreto. (fig. 19, 23, 24). O espaço na galeria foi escolhido pensando na luz natural que bate sobre os materiais utilizados durante o dia, gerando um reflexo sobre o material metalizado.



Figura 23- Sem título, Leriss, 2023



Figura 24- Sem título, Leriss, 2023



Figura 25- Sem título, Leriss, 2023

Essa instalação foi idealizada após o evento musical Vapo_r – realizado em 2022 na Galeria dos Estados – que participei como cenógrafa. A ideia foi criar um ambiente onde os músicos pudessem transitar – entrar e sair – em uma estrutura instalada no palco. Durante as caminhadas, observei a presença de muitos dutos de alumínio utilizados na ventilação (circulação de ar) dos prédios. A forma e a propriedade do material do duto me inspiraram a usá-lo no cenário do evento. Durante o dia, os dutos de alumínio refletiam intensamente a luz solar, modificando a visualidade do cenário.

Durante a noite, a iluminação feita com refletores Par Led vermelhos alteravam totalmente a percepção espacial e sensorial do ambiente (fig. 26, 27). Foi a partir dessa experiência, que utilizei o duto como parte da instalação apresentada na Galeria Espaço Piloto em conjunto com a pintura feita em concreto e em chapa de metal.

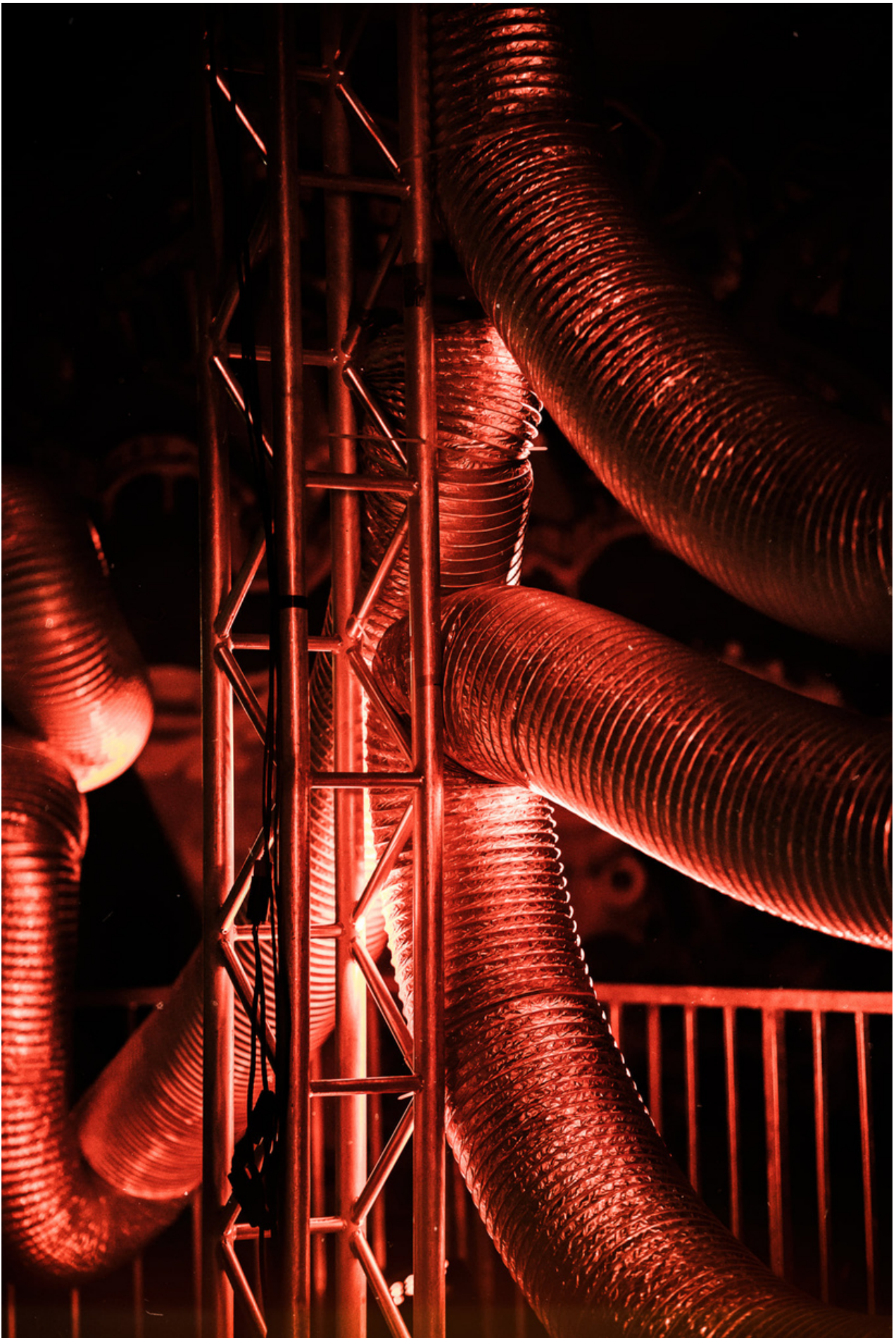


Figura 26- Vapor, Leriss, 2022



Figura 27- Vapor, Leriss, 2022

Considerações Finais

Analisando retrospectivamente os trabalhos realizados nos últimos anos, percebo o meu crescente interesse na exploração dos suportes como parte integrante do trabalhos. Na fotografia, optei pela apropriação da pingadeira de cimento para imprimir uma fotografia. O resultado obtido me levou a pesquisar as possibilidades plásticas do concreto como suporte e parte da pintura. Se no início da pesquisa meu interesse foi explorar as possibilidades do cimento como suporte da imagem, com o passar do tempo a pesquisa me levou a tratar a tridimensionalidade da pintura e sua relação com o espaço. Em resumo, a pesquisa dos materiais me permitiu pensar a pintura de modo mais táctil que visual.

No processo de construção dos trabalhos, percebi a contaminação da linguagem da pintura com da escultura, bem como o impacto do cenário urbano, sentido durante as caminhadas, na percepção das simbologias presentes no espaço da cidade.

REFERÊNCIAS

CARERI, Francesco. Walkscapes : O caminhar como prática estética. São Paulo: G. Gili, 2013.

SANTOS, Gabriel. Caminhada na Arte Contemporânea. **Revista Ciclos**, Florianópolis, v. 1, ed. 1, set. 2013.

MEDEIROS, Bia; ALBUQUERQUE, Natasha. Composição Urbana: surpresa e fuleragem. **METAgraphias: letra C de Composições Urbanas e outras paisagens**, Brasília, v. 1, ed. 4, dez. 2016.

ALMEIDA, Adriano; TORRES, Desire. Espaço urbano e suas transformações pela lente da semiótica urbana. **Triade**, Sorocaba, SP, v. 7, ed. 14, maio 2019.

GARCIA, J. Comentando o Flâneur, de Walter Benjamin. *Revista Educação Pública*, v. 10, n. 7, 2 mar. 2010.

CARTAXO, Zalinda. ARTE NOS ESPAÇOS PÚBLICOS: a cidade como realidade. **O Percevejo Online**, 2008.

KWON, Miwon. One place after another: Site-specific art and locational identity. London: The MIT Press, 2002.

BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. Rua de mão única São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. (Obras escolhidas v. 2).